

Entre os Muros da Escola



François Bégaudeau interpreta o professor François Marin no filme *Entre os Muros da Escola*.
(Foto: Divulgação)

Ficha Técnica

Gênero: Drama

Direção: Laurent Cantet

Roteiro: François Bégaudeau, Laurent Cantet e Robin Capillo

Elenco: François Bégaudeau (François Marin), Arthur Fogel, Cherif Bounaïdja Rachedi, Dalla Doucoure, Damien Gomes, Juliette Demaille, Laura Baquela, Nassim Amrabt

País e ano de produção: França/2008

Duração: 128 min

Classificação indicativa: 12 anos

Sobre o filme

François e os demais amigos professores se preparam para mais um novo ano letivo. A escola se localiza em um bairro parisiense cheio de conflitos e tensões sociais. Os professores dizem ter boas intenções e desejam oferecer uma boa educação aos estudantes, mas devido às diferenças culturais - microcosmo da França contemporânea - podem perder todo esse entusiasmo. François quer surpreender os jovens ensinando o sentido da ética, mas eles não parecem dispostos a aceitar os métodos propostos. Diferentemente de filmes hollywoodianos que trazem professores “heróis”, *Entre os muros da escola* apresenta professores de “carne e osso”: incompletos, contraditórios, incoerentes, instáveis e sem resposta. O título (no original apenas “entre os muros”) é bastante irônico, porque talvez represente o sonho da maioria dos docentes, que seria ter uma escola “ideal” que pudesse se esconder “entre os muros”, afastando-se de todos os problemas e desigualdades sociais.

Sobre o diretor

Laurent Cantet nasceu em Melle, Deux Sevres, França, em 15 de junho de 1961. É graduado pelo IDHEC (Instituto de Estudos Cinematográficos Avançados) na França, e sua primeira produção foi o curta-metragem **Tous à la Manif**. Além de produzir curtas, Cantet foi assistente de direção e produção. Seu primeiro longa-metragem foi **Human Resources**, em janeiro de 2000, que ganhou diversos prêmios internacionais e levou o nome de Cantet ao cenário cinematográfico mundial. Em 2008, dirigiu o filme **Entre les Murs**, uma adaptação do livro de mesmo nome, do professor François Bégaudeau. Convidou, então, Bégaudeau para, além de co-roteirista, interpretar a si mesmo na obra. O filme ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes, o prêmio máximo deste festival internacional importantíssimo, além de muitos outros prêmios (ver ao final deste material). Laurent Cantet morreu aos 62 anos, em 25 de abril de 2024.

Filmografia do diretor

- 1994 – *Tous à la manif* (curta-metragem)
- 1995 – *Jeux de plage* (curta-metragem)
- 1997 – *Nous, sans-papiers de France* (curta, co-direção)
- 1998 – *Les sanguinaires* (episódio de série televisiva)
- 1999 – *Recursos Humanos*
- 2001 – *A Agenda*
- 2005 – *Em Direção ao Sul*
- 2007 – *Laissez-les grandir ici!* (curta-documentário, co-diretor)
- 2008 – **Entre os Muros da Escola**
- 2010 – *On bosse ici! On vit ici! On reste ici!* (curta-metragem)
- 2012 – *7 Dias em Havana* (segmento "La Fuente")
- 2012 – *Foxfire - Confissões de Uma Gangue de Garotas*
- 2014 – *Retorno a Ítaca*
- 2014 – *Les 18 du 57, Boulevard de Strasbourg* (curta, co-diretor)
- 2017 – *A Trama*
- 2021 – *Arthur Rambo*



Laurent Cantet, François Bégaudeau e elenco, com a Palma de Ouro em Cannes
(Foto: Divulgação)

O professor: realidade ou ficção

O professor François Bégaudeau, ator principal de *Entre les murs*, é também o autor do livro homônimo, que inspirou Laurent Cantet a adaptar para o cinema sua trajetória como professor de Literatura na periferia de Paris no Colégio Mozart. A região periférica, no âmbito educacional, é chamada de Zona de Educação Prioritária (ZEP), política de ação afirmativa criada pelo governo do social-democrata François Mitterrand, na década de 1980. A política tinha o objetivo de compensar as desvantagens averiguadas pelos testes nacionais de estudantes das chamadas “áreas de alta vulnerabilidade social”. O livro, assim como o filme, traz alguns dados autobiográficos de Bégaudeau e trazem inquietações muito autênticas de um professor da rede pública francesa, como a questão da sala de aula multiracial e explosiva da periferia de Paris. Mas a potência do filme está na capacidade de trazer para o centro da tela um cotidiano escolar complexo e marcado por diversos atores com múltiplas características. Os personagens não são estereotipados, como o “professor herói”, os “estudantes coitadinhos”, “rebeldes sem causa” ou qualquer outro clichê tão utilizado pelo cinema hollywoodiano nos chamados “filmes de escola”.

Talvez, o aspecto mais interessante da narrativa seja mostrar o cotidiano escolar com sua dimensão dinâmica e instável, como um fenômeno universal para se pensar o “entre muros”. Cabe destacar que no original em francês a palavra **escola** não está no título, tanto do livro, quanto do filme, porém a narrativa se passa inteiramente dentro dos muros da escola. O universo de François Morin (o personagem de Bégaudeau), como o de seus seus estudantes e a comunidade onde está inserida, só aparece quando adentra a escola, como nas reuniões de pais, nas aulas e sala dos professores. Assim, conhecemos as trajetórias por seus conflitos “entre os muros”. Este aspecto é interessante, pois vemos parte do dia a dia dos estudantes por meio de fotografias que trazem a casa e a comunidade para dentro do âmbito escolar. E, não à toa, é no trabalho de autorretrato, subvertido por Souleymane com suas fotos roubadas da mãe e tiradas em momentos de diversão com os colegas, que conhecemos um pouco mais dos personagens enquanto sujeitos sociais e não somente como “estudantes”.

O filme, em duas horas e quatro minutos, corresponde a nove meses de um ano letivo, representando conflitos entre professores e estudantes. Os professores com diversas perspectivas conflitantes sobre o que se entende por Educação. Cantet mostra movimento e transformação constante nos relacionamentos dentro de uma escola entre seus vários agentes. Ora Esmeralda e Khoumba estão brigadas, ora já fizeram as pazes e estão produzindo um trabalho juntas, o que se parece bastante com as escolas brasileiras. O cineasta é muito feliz ao conseguir, por meio de elipses muito bem pensadas, mostrar a passagem de tempo marcado pelo ano escolar. Desde a reunião de planejamento de professores antes do início do ano letivo, passando pela primeira aula de apresentação até a finalização com a confraternização da partida de “futebol” dos professores e estudantes no final do ano.

Possibilidades de abordagens:

Algumas questões da linguagem cinematográfica

O filme tem uma estética muito instigante, que nos remete à ideia de cinema-verdade ou cinema direto dos anos 1950, muito ligado a documentários etnográficos, onde os

personagens são filmados em longas falas e em planos fechados e primeiros planos (personagem é enquadrada do peito para cima ou seu rosto). Cabe destacar que o filme é todo construído com uma **câmera nervosa**, isto é, a câmera está sempre um pouco trêmula, causando um desconforto e trazendo a ideia de incerteza através desse balanço desconcertante. O filme nos aproxima do ambiente escolar em constante mudança, sobretudo para os educadores desafiados pela inserção de novos públicos atendidos pela escola.

Não é um documentário, mas também não é uma ficção. É a recriação de uma experiência real com participação das pessoas envolvidas nesta experiência. Boa parte do elenco - professores, estudantes, equipe da gestão escolar e até os pais dos estudantes - foram escolhidos entre “não atores”, criando um efeito de autenticidade.



As estudantes Esmeralda e Khoumba em primeiro plano. (Foto: Divulgação)

É instigante observar também que por diversas vezes o conflito entre o lúdico, o livre e o espontâneo e o sisudo, o autoritário e o estrutural é construído com os movimentos de câmera, enquadramentos e cortes. Um exemplo é a cena em que os estudantes questionam Marin sobre a pertinência do imperfeito do subjuntivo para a vida deles e sobre sua sexualidade em um *close-up* (plano fechado, aparece o rosto do personagem) e, logo em seguida, há um corte em *plongée* (enquadramento de cima para baixo) em que aparece o pátio e as crianças e jovens brincando espontaneamente. É como se Cantet nos quisesse mostrar em imagens como a sala de aula disciplinadora de corpos e mentes se contrapõe ao espaço de liberdade do pátio da escola, mesmo que visto da janela desta.

Uma narrativa sobre a incompreensão da/na escola

- *Não entendo o que fazemos.*

A frase acima, dita por uma aluna, ao final do filme *Entre os Muros da Escola* é sintomática e, afinal, pode representar o pensamento de todos os envolvidos no sistema educacional. Não apenas o sistema educacional da França, mas também o do Brasil, e, certamente, de outros países pelo mundo. A frase da estudante não é expressão só de alunos.

A frase choca e assusta, mas se evidencia em muitos momentos do filme francês que, em cenas em ritmo quase documental, representa o cotidiano de uma escola pública de Paris. O não entendimento do que se faz está na incompreensão dos estudantes sobre as aulas e atividades que lhes são apresentadas. Está na sala de professores, quando discursam para seus colegas sobre as dificuldades e confrontos que vivenciam constantemente em suas aulas. Está na gestão que acredita que algumas regras disciplinares impostas, quase militares, estejam contribuindo para que sejam educados e disciplinados. Está no conselho de escola que tenta criar um sistema de pontos para penalizar aqueles que “causam problemas”. Está na mãe que na reunião dos pais diz que seu filho é um bom menino em casa, contestando a avaliação de indisciplina dada pela escola. Está nas expressões do professor Marin que muitas vezes tenta controlar uma turma de estudantes agitados, impulsivos e questionadores.

Ao longo do filme, muitos pontos nos fazem refletir sobre o ensinar e aprender. Logo no início, acompanhamos na sala dos professores a reunião para as apresentações de gestores, funcionários e professores no primeiro dia de aula. Tudo parecido com nossas escolas brasileiras. O que se pode constatar nessas cenas, é que algo está fora do lugar, quando se percebe o “peso” que é para alguns lecionar na região periférica da cidade ou o alívio pela proximidade da aposentadoria. Esses são alguns dos exemplos que constata o fardo que pode ser a docência. Também é marcante notar que os professores mais antigos chegam a desejar coragem para os professores mais novos que chegam.

Em outra cena de reunião, fica claro, pelo diálogo de dois professores, que o temor do ano letivo vem em primeiro lugar, pois antes da primeira aula, com uma lista de estudantes na mão, um vai apontando para o outro quem é indisciplinado ou não. Os rótulos já existem antes do ano letivo começar. Em uma única cena e em um único personagem, temos o homem, o educador, o preocupado, o medroso, o estrategista, o perdido, o julgador, o autoritário. Além desses detalhes, é interessante notar como conversas, pautas e discussões em reuniões de professores e conselhos de classe, por motivos desconectados do pedagógico, mudam de repente de rumo seguindo caminhos que evidenciam uma escola que opta pela ausência de diálogo.



Laurent Cantet, diretor do filme, consegue magistralmente aproximar o telespectador do mundo de uma escola, através dos “duelos” que muitas vezes ocorrem entre professor e estudantes. Tensões vistas em muitas cenas em que o Professor Marin tenta explicar lições ou colocar/impor seu ponto de vista sobre a linguagem e sobre o mundo, enquanto os estudantes o escutam, o desprezam, o questionam, o afrontam.



O Professor Marin com Souleymane e colega na finalização do autorretrato. (Foto: Divulgação).

Entre os Muros da Escola consegue agradar, incomodar ou perturbar quem o assiste, pois se o vemos como estudantes que somos ou já fomos, nos identificamos em alguns, ou nos reconhecemos como docentes das escolas a que pertencemos. Se o assistirmos sob o olhar do professor Marin ou dos outros professores que vão surgindo na tela, o incômodo e a perturbação é maior do que o agrado, pois a reflexão e comparação com o trabalho dos educadores é muito intensa. Muitos professores, provavelmente, irão se auto-avaliar, após assistirem. Avaliarão suas aulas, sua profissão, seus gestores, seus colegas de trabalho e os locais onde ensinam. Talvez, ao final das reflexões, dirão a mesma frase da estudante do sr. Marin:

- Não entendo o que fazemos.

Diversidade na escola

O filme apresenta um conflito gerado pela incompreensão de dois mundos: um francês de classe média branca e outro francês migrante pluriétnico e multicultural. A escola tradicional francesa embasada em conceitos militares de origem napoleônica, como hierarquia, disciplina, autoridade e excelência se choca com a pluralidade trazida pelas migrações contemporâneas (legais ou ilegais, como no caso da mãe do Wei) e que adentram a escola laica e universal da República Francesa, exigindo ser ouvida em suas identidades plurais. A xenofobia e a empatia são apresentadas de maneira complexa no filme. Há momentos em que os professores manifestam, até explicitamente, a inconformidade com a chegada desses

migrantes ao ensino público francês. Por exemplo, há uma cena em que um professor, aparentemente com síndrome de Burnout (ver “para saber mais”), entra na sala dos professores e grita: “Fiquem na porcaria dos bairros deles. **Ficarão** aqui (na escola) o resto da vida”.

Mostrando, por um lado, a premissa do ensino republicano e laico tão defendido pela França da *Liberté, Egalité, Fraternité* não admite a entrada de outros sujeitos da esfera das ex-colônias expropriadas em seu ideal igualitário. A escola tradicional, pensada para os “franceses” brancos de classe média, é surda diante da riqueza trazida pelo multiculturalismo contemporâneo. Como resume Tereza Silva, Henrique Ribeiro e Frederico Campos (ver no “para saber mais”) sobre a incapacidade do professor François Marin em relação a seus estudantes:

“Marin muitas vezes parece se esquecer do enorme fosso social que há entre a sociedade francesa e sociedades compostas por adolescentes de 13 a 15 anos latino-americanos, negros, africanos, árabes, asiáticos e franceses das camadas populares. É a linguagem o grande campo de batalha onde é travado o conflito cultural encenado neste filme.”



O diretor Laurent Cantet (de camisa preta à direita) conversa com atores de *Entre os Muros da Escola*.
(Foto: Divulgação)

Assim, a narrativa do filme vai mostrando a incongruência entre uma escola que segue a cartilha do sistema público tradicional francês e o público diverso que atende. As várias cenas em que o conflito linguístico se manifesta, desde palavras ditas em outros idiomas (como as pronunciadas em árabe pelo estudante marroquino Rabbah durante uma discussão), até o questionamento dos estudantes da necessidade de aprender a conjugação correta do imperfeito do subjuntivo, em desuso, ou como diz a estudante Esmeralda: “nem meu bisavô falava desse jeito”. Mostra as tensões trazidas por um ensino focado no conteúdo formal e pouco afeito à dinâmica social trazida pelos diversos atores do ambiente escolar, sobretudo a voz dos estudantes.

Porém, há manifestações de empatia com a situação precária dos imigrantes “sem papéis” como na cena em que uma professora sugere que se faça vaquinha para ajudar a mãe do Wei não ser deportada por estar ilegalmente na França custeando um advogado. Mas mesmo nesta cena existe um corte abrupto da situação triste e indignante da mãe de uma educanda correndo o risco de ser deportada para o anúncio da gravidez de uma colega. O filme mostra bem como no cotidiano escolar os professores lidam com situações de alta tensão emocional, como violência, morte e vulnerabilidade e ao mesmo tempo com a vida cotidiana de uma classe média cada vez mais precarizada.



Um dos cartazes do filme, no Brasil

Para saber mais

- **Entrevista com Laurent Cantet** realizada pela jornalista Taíssa Stivanini na época da indicação ao Óscar de melhor filme estrangeiro, em 2009.
<https://cinema.uol.com.br/oscar/ultnot/2009/01/30/ult4332u980.jhtm>
- **Entrevista com François Bégaudeau** realizada pela jornalista Eduardo Simões para Folha de S. Paulo, em 2009.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1303200925.htm>
- Reportagem de Márcia Pimentel sobre **a síndrome de Burnout atinge quase 50% dos professores.**

Como explica um dos sintomas é a “**Perda da paciência.**” Os sentimentos ficam à flor da pele. E o professor pode “estourar”. Seria isto que teria acontecido com o professor apresentado na cena da salas dos professores (00’26) que entra gritando: “Estou cheio desses palhaços! Estou cansado deles!” “Não sabem nada... Ficam te analisando enquanto tenta ensiná-los. Que fiquem na merda! não vou mais ajudá-los!”.

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/17012-burnout-atinge-quase-50-dos-professores-conhe%C3%A7a-os-sintomas-e-saiba-como-tratar>

- Artigo: **Entre os muros da escola: Possibilidades para rever as noções de disciplina e avaliação** de Tereza Maria Trindade da Silva
<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35441>
- Resenha crítica de Isabela Boscov para o Veja Cinema
<https://www.youtube.com/watch?v=q1IPrCL7MN0>

Prêmios

O filme ***Entre os muros da escola***, dirigido por Laurent Cantet, recebeu os seguintes prêmios:

- Palma de Ouro, no Festival de Cannes (2008) - Melhor Filme
- Image Awards - melhor fotografia em filme estrangeiro (2009)
- César Awards - melhor roteiro adaptado (2009)
- Independent Spirit Awards - melhor filme estrangeiro (2009)
- Lumiere Awards - melhor filme do júri e do público (2009)
- Étoiles d’Or - melhor filme (2009)

